



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.16, n.30, e202464815, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n30e202464815

Dossiê

Ao Fernando Couto. Uma rosa feita amor, um espinho feito dor

Sónia Sultuane

*A tua vida não terá sido inútil se tiveres enxertado
no teu coração a rosa do amor.*

(verso do poeta persa Omar Kayyam)

E em mim não ficou uma rosa do amor, mas um jardim inteiro de amor feito rosas, que continuo a regar, a adubar e onde, às vezes, continuo a colher em silêncio rosas perfumadas, feitas poemas.

Quem me dera poder partilhá-las consigo. Quem me dera poder saber que iria apreciar o seu cheiro, o seu toque e as suas cores.

De vez em quando, falo consigo nos meus silêncios, como falávamos tantas vezes, nesse jardim que tento manter vivo. Tenho tantas saudades do homem feito tantos livros.

Há homens nos livros, e há livros homens. Assim era, livros feitos homem. Um livro partilhado nos silêncios prolongados, sem pressas, sem ostentações ou pretensões.

A sua humildade quando se despia do papel de poeta e se tornava num simples leitor era de um instante inesquecível. E que leitor!!! Carregava-me pela alma para ir consigo conhecer Omar Kayyam, um dos seus poetas de eleição, Rabindranath Tagore e tantos outros.

Sempre vi em si um homem genuíno, ingênuo também, e às vezes um menino despreocupado. Os quase vinte anos de troca de ideias, afetos poéticos, e de uma profunda amizade, sempre feitos de grande sensibilidade, de verdade, de risos, de choros, confidências, frustrações, próprias dos sonhadores, permitiram-me respeitá-lo e amá-lo para o resto da minha vida. Era sonhador. Éramos os dois sonhadores.

Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Associados

Ana Mafalda Leite
Celso Muianga
Sara Laisse

Um dia, na sua bondade humana, adotou-me como filha e sua filha fiquei. Partilhou comigo muitos dos seus melhores e piores dias. Tive o privilégio de ainda privar consigo até à sua morte. Nesse terminar da sua vida, às vezes num diálogo incompreensível aos comuns mortais como eu, falava-me numa linguagem que só a sua alma conhecia, e eu tentava entendê-lo, e escutá-lo com o coração, porque me lembrava sempre dos seus ensinamentos, *a poesia tem de ser viva, tem de ter imagem, tem de ter forma, cor, cheiro, amor, ficava ali sentada olhando para si a “escrever” o seu grande poema final...* Não me permitia quebrar o nosso silêncio, o silêncio que se requer quando se está a ouvir um grande poeta. Olhava para si e escorriam-me as lágrimas, escorriam-me pelos olhos também os meus silêncios. O poeta, cuja boca já entrelaçada de palavras, mergulhava num outro mundo, e deixava pontualmente os seus gestos em forma de poesia aparecerem como versos extraordinários. A poesia tornava-se, dentro dos seus olhos pequenos, vida.

Nunca confundi nem duvidei e sabia que a sua estrutura pequenina, a sua meiguice e a sua voz calma carregavam uma sensibilidade infinda, como a sua poesia humana e grandiosa.

Um dia, Pai, os homens irão descobrir as rosas do amor, a fragância da sua existência humana, se forem capazes de percorrer o seu jardim para apreciarem as rosas feitas poemas que deixou. O Senhor foi um dos melhores livros que li.

Tenho saudades do poeta sonhador, do pai carinhoso, do meu amigo atencioso e do meu editor. Tenho saudades da poesia e de aprender consigo a viver a poesia.

Todo o saber guardado no meu silêncio tem um amor feito poema, feito rima, feito palavras, feito pontuação. Esse suspiro na minha alma, hoje, se fala, se sente, se chora, tudo isso também a si devo.

Obrigada por ter deixado todos os aromas da sua rosa do amor enxertados no meu coração.